







Distanciamento da ciência: nutrição e linguagem religiosa

Science distancing: nutrition and Its religious language

- ¹ Bruno Menezes Jordão  
² Alden dos Santos Neves  
³ André Luis de Oliveira Mendonça  

- 1 Graduado em Nutrição pelo Centro Universitário de Volta Redonda.
2 Coordenador e professor do curso de Nutrição do Centro Universitário de Volta Redonda
3 Professor e orientador no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da UERJ e no Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, além de estar coordenador do grupo de estudos Quilombo Amefricano.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo propor, como questão norteadora, a reflexão sobre a linguagem utilizada por nutricionistas na prática clínica, para se referirem à prescrição dietética, sobretudo quando se trata de emagrecimento. Tal linguagem é carregada por uma lógica semelhante à encontrada nas religiões, nas quais se encontra a lógica de relacionamento com seres superiores e/ou anteriores (personificados ou não) por meio de atribuições, recompensas e castigos. Trata-se de um ensaio teórico. Conclui-se que a abordagem da dieta, realizada por nutricionistas, se assemelha a uma via de disciplina, isto é, negação dos prazeres, mortificação dos desejos e autocontrole, em busca de uma suposta redenção pessoal, promoção ontológica, acesso a uma nova vida, caráter de cunho subjetivo que a nutrição supostamente oferece, semelhante à lógica de operacionalização do divino, encontrada em religiões, em que o nutricionista cumpre o papel de sacerdote nesse processo.

Palavras-chave:

Biopolítica; Nutricionismo; Nutrição.

Abstract

This work aims to propose, as a guiding question, a reflection on the language used by nutritionists in clinical practice when referring to dietary prescriptions, especially regarding weight loss. This language is imbued with a logic similar to that found in religions, where a relationship logic with superior and/or prior beings (personified or not) is found through attributions, rewards, and punishments. This is a theoretical essay. It concludes that the approach to dieting by nutritionists resembles a path of discipline, that is, denial of pleasures, mortification of desires, and self-control, in pursuit of supposed personal redemption, ontological promotion, access to a new life, a subjective character that nutrition supposedly offers, similar to the logic of divine operationalization found in religions, where the nutritionist fulfills the role of priest in this process.

Keywords:

Biopolitics; Nutritionism; Nutrition.

1 INTRODUÇÃO

A Nutrição, como campo científico, surge no início do século XX, em meio a várias disputas (Vasconcelos, 2002), tendo muita influência de determinadas temáticas, como as carências nutricionais do país, em que a busca por alimentos/nutrientes cujo poder nutritivo seria capaz de solucionar tais carências foi empregado por inúmeros autores do campo (Vasconcelos, 2001). A corrida pela descoberta/criação de alimentos/produtos alimentares, cujo teor nutricional seria impactante na saúde da população, foi amplamente executada. Nesse contexto, há registros que Josué de Castro e Nelson Chaves, pilares da nutrição brasileira, entraram em embate sobre o uso da mucunã vermelha na alimentação do nordestino, como alternativa nutricional para driblar a fome em tempos de seca, segundo a análise feita por Vasconcelos (2001).

Esse enfoque em nutrientes específicos contidos nos alimentos também foi utilizado pela grande indústria alimentícia, que lançou mão de pesquisas científicas para evidenciar/superestimar as qualidades nutricionais de seus produtos, à semelhança da estratégia utilizada pela indústria farmacêutica (Angell, 2010; William; Martin; Gabe, 2011).

Com o enaltecimento de certos nutrientes presentes nos alimentos, ou em alguns alimentos, o nutricionista vem despontando como o profissional que teria o poder técnico para juntar alimentos vistos como “certos” em uma mesma dieta, excluindo os alimentos vistos como “errados”. No entanto, diferente das características organolépticas (como a cor, o brilho, a luz, o odor, a textura, o som e o sabor), a composição bromatológica (quantidades de carboidratos, proteínas, lipídeos, vitaminas, etc) não pode ser percebida sem auxílio de técnica e equipamentos científicos, tornando, assim, a classificação de “saudável” ou “não saudável” completamente subjetiva para a população, visto que tal análise não é feita a partir dos sentidos humanos (Shapin, 2014), o que corrobora o crescimento da utilização de termos como “mágica” e “milagrosa”, associados à palavra “dieta”, como as analisadas por Costa (2015). A autora (2015) esclarece que as dietas da moda carregam uma atmosfera espirituosa, mágica, pois a sua qualidade não está ao alcance dos sentidos naturais da população, tornando-se algo subjetivo.

A popularização do conhecimento de que a qualidade do alimento advém de sua composição bromatológica e, conseqüentemente, composição/qualidade, cuja verificação depende de tecnologia, gera duas conseqüências: 1 - para a maior parte da população, a qualidade do alimento se torna uma informação subjetiva, pois não há como testar sem tecnologia científica; 2- sem amplo ensino sobre ciência/método científico/pesquisa, a população depende de profissionais que traduzam a linguagem técnica e, sem ferramentas para verificarem a informação, aderem a posição de “acreditar” ou “não acreditar” na informação vinda desses profissionais.

Diante do exposto, este ensaio visou expor, dentre inúmeras linguagens acerca de dieta, em específico por parte de nutricionistas, a existência de uma linguagem em relação à dieta semelhante à lógica religiosa, em que a dieta se apresenta como o processo de mortificação da carne (dos desejos), para que se obtenha o corpo desejado, e um estado subjetivo de plenitude (bem-estar), que se assemelha à redenção.

2 METODOLOGIA

Diante do alto crescimento da participação midiática de profissionais nutricionistas, o conteúdo relacionado à nutrição tem circulado cada vez mais, seja pela mídia profissional (televisão, rádio e jornal), seja pelas redes sociais (Instagram, TikTok, Facebook, X, etc.). Ante a profusão de conteúdos como “chás emagrecedores”, “dieta seca barriga”, “emagreça 7 kg em 5 dias”, etc., que se vê amplamente nos meios

de comunicação, este trabalho visa propor a hipótese de que tais discursos não carregam apenas uma falsificação da ciência, como dado e como método, mas sim uma lógica de outro campo embutida em seu discurso: o campo religioso. Este trabalho não se deteve em comprovar/demonstrar que há discursos do tipo descrito acima (ex: “chás emagrecedores”, etc.), pois considerou que essas informações já estão amplamente difundidas nas mídias, não carecendo de comprovação mais detalhada. Sendo assim, tomando a presença desse tipo de discurso como um fato, este ensaio buscou analisar sua lógica, isto é, a estrutura de proposição (o que o discurso promete e quais atribuições teriam que ser cumpridas para se obter o proposto), comparando tal estrutura com a estrutura da lógica religiosa. Para abordar a lógica religiosa, utilizamos o conceito de Homem Religioso, de Eliade (2001), a definição de religião de Maduro (1983), assim como a de Berger (1985), que serão devidamente explicadas ao longo do texto. Para fins de elucidação da operacionalização de tais lógicas na vida humana, utilizamos alguns personagens da literatura clássica como exemplos, tanto brasileiros quanto mundiais, entendendo que a literatura, dentre muitas outras atribuições, exprime o pensamento de determinada cultura, assim como a culinária, o cinema, a poesia, etc. Por meio de ensaio teórico, o texto foi construído tendo como pressupostos teóricos autores que debatem os temas: antropologia da alimentação, sociologia da alimentação, história da alimentação, religião, sociologia da religião, epistemologia da nutrição como campo científico e ciências sociais em saúde. Para tal empreendimento, foram utilizadas obras produzidas entre os anos 1972 a 2017, como também obras consideradas como clássicos da literatura brasileira e mundial.

2.1 Atribuições, recompensas e castigos: a lógica religiosa e suas linguagens

Para abordarmos sobre linguagem religiosa, não pretendemos definir com precisão o conceito de religião, tendo em vista sua complexidade, pois, como afirmado por Derrida (2000), o conceito de religião é muito claro, ou seja, ao se dizer a palavra “religião”, qualquer pessoa sabe do que se trata, e, ao mesmo tempo, é um dos termos mais obscuros, tendo em vista todos os problemas que esse conceito oferece. Podemos citar, como exemplo, a linha tênue que há entre a definição de religião, feitiçaria, magia, etc., levando em consideração que boa parte dos teóricos da religião eram europeus e que caracterizaram o que era ou não religião de acordo com a concepção europeia do que seria religião, ou seja, mesmo as definições ditas “oficiais”, são conceitos a partir de apenas um modo de enxergar a história. Portanto, trataremos não uma tentativa de definição, mas um olhar fenomenológico, enfoque que permite fazer aproximações entre diversos tipos de religiões, como, por exemplo, a constatação de que há oração no judaísmo, no cristianismo e no islamismo, assim como há o conceito de sacrifício em cada uma dessas religiões, tanto quanto o de jejum. Essa constatação não nos permite afirmar que, embora haja conceitos aparentemente semelhantes, eles têm o mesmo significado em cada uma das religiões. Embora as palavras sejam as mesmas (oração, sacrifício e jejum), seus conceitos são diferentes para cada uma dessas religiões citadas. Descartamos, portanto, a intenção de os igualar em significado. Buscamos, por meio dessas aproximações, chegar ao consenso de que há um *Homem Religioso* e que cada religião tem seu modo de exercer essas características e se relacionar com o sagrado (Eliade, 2001).

É justamente nesse modo de relacionamento com o sagrado que deteremos nossa atenção, lançando mão das observações de Maduro (1983), quando afirma que há uma relação de obrigações e recompensas entre o crente e os seres anteriores e superiores (personificados ou não, pluralizados ou unificados). Como exemplo desse modo de processar o relacionamento com o sagrado por meio de trocas, podemos lançar mão da literatura, cuja histórias buscam apresentar personagens que sejam representantes da mentalidade e comportamento presentes na população do tempo narrado. Começamos pela literatura hebraica, como, por exemplo, o *Livro de Jó*, contido na bíblia judaica, ou também no chamado velho testamento da bíblia cristã (A Bíblia, 2015). Os personagens chamados amigos de Jó aplicam uma lógica de modo constante ao longo do livro, afirmando que Jó, diante de todo sofrimento experimentado, só estaria sendo castigado por Deus, por alguma transgressão supostamente cometida. Segundo a lógica

apresentada, necessariamente haveria um motivo para ele se encontrar naquela situação deplorável e, logo que mudasse o suposto comportamento transgressor, Deus o restituiria novamente.

Para aproximar mais ainda a percepção dessa lógica, trazendo a análise para a literatura brasileira, podemos citar a poesia de Gregório de Matos, na qual as transgressões são sentidas como culpa, ao mesmo tempo que amenizadas pelas ações corretas praticadas pelo autor, possibilitando a intenção de barganha entre a divindade e os homens, ou seja, praticar boas ações amenizaria a culpa das próprias transgressões, característica comum do período Barroco, semelhante à lógica encontrada entre os discursos dos personagens do livro de Jó. Ainda na literatura brasileira, no livro *História de um Sargento de Milícias*, quando o pai do personagem principal se vê deixado por sua mulher, ele procura o que o livro chama de “feiticeiro”, um sacerdote de religião de matriz africana, para obter novamente o seu amor. Outro exemplo semelhante, é apresentado no clássico *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em que há uma personagem que não consegue se casar e, após ser deixada pelo noivo, cai em uma tristeza profunda até que esta se torna uma doença de fato, momento em que a levam ao médico, que não resolve o problema. Daí, a levam ao padre, que, por sua vez, também não resolve o problema, até que a levam a um sacerdote de religião de matriz africana. Podemos observar, nesses exemplos, que há uma estrutura de relacionamento com o sagrado que aplica ao divino o poder para obter determinado objetivo, e que, para ser agraciado, é necessário se submeter a certos procedimentos, sejam eles relacionados à subjetividade ou a rituais.

Essa lógica de atribuições e recompensas com sistemas de significados (em que, muitas vezes, ligada à disciplina, abnegação do prazer, padrões de comportamento para se obter algum objetivo, descrito aqui como recompensa) ou rituais, é intitulada como “lógica religiosa”, entretanto também é percebida em outras camadas da construção social distintas das religiosas.

2.2 Lógica religiosa no capitalismo

Para verificarmos que uma lógica religiosa não é exclusiva das religiões, tomaremos, como exemplo, Benjamin (2013) que, ao tecer críticas à obra de Weber, intitulada *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, fala acerca de uma lógica operante de cunho religioso, presente na ideologia capitalista. Para contextualizar, Max Weber havia proposto, em sua obra, entre outras coisas, que a ética protestante (vertente calvinista) enfatizava que a vida em sua totalidade era instrumento de glorificação a Deus, estimulando, assim, os crentes a se empenharem com vigor em todo empreendimento que realizassem, da esfera privada à pública. Segundo o autor, esse chamado divino ao empenho com excelência fez com que a produção profissional desses fiéis aumentasse de maneira significativa, que é onde reside a hipótese do autor de que o capitalismo teria se desenvolvido amplamente sob essa “ética protestante” do trabalho.

Contrapondo Weber, Benjamin afirma que o capitalismo não desponta apenas sendo fortalecido pela religião protestante, mas antes, se dá justamente como uma religião, visto que se propõe essencialmente à resolução de preocupações, aflições e inquietações que outrora eram propostas pelas religiões.

Benjamin destaca traços possíveis de identificação contidos na estrutura religiosa do capitalismo, que são: o capitalismo como uma religião puramente cultural, sem dogmas e teologia, em que cultuar é o mesmo que se aplicar, para que haja um aumento considerável de capital, uma ascensão social, se dedicando em girar a engrenagem do sistema na tentativa de alcançar maiores condições. O exercício desse culto ocorre de modo constante, sem interrupção, sem “dias normais”. Benjamin ainda afirma que o culto capitalista é um culpabilizador, sem expiação, e que a figura de Deus, nessa “religião”, é ocultada e só pode ser invocada no ápice da culpabilização.

Em síntese, para Benjamin, o capitalismo é uma religião meramente de culto, desprovida de dogma, e que no ocidente se desenvolveu como “parasita” do cristianismo, não apenas com base no calvinismo, mas também em todas as demais tendências cristãs ortodoxas, ou seja, na ideologia capitalista se operacionalizaria uma lógica de atribuições e recompensas com sistemas de significados bem parecidos dos encontrados nas religiões.

2.3 Lógica religiosa operacionalizada na alimentação

No âmbito da alimentação, também encontramos essa lógica operante. Podemos citar a abordagem sobre a anorexia, como exemplificação de uma camada ideológica por trás da relação com os alimentos, com um certo quê de mística. Segundo Rossi (2011) - analisando-a não como patologia, mas sim a dinâmica que ocorre nessa patologia - na medida em que o paciente anoréxico se empenha para o objetivo desejado em seu corpo, o processo toma a dinâmica de um culto, em que, ao invés de aparecer uma certa espiritualidade, é completamente extinta, ficando, ao final, apenas o culto ao corpo; um culto, mas carnal, o que nos mostra que a relação com a comida pode ser cultuada, repleta de subjetividade.

Rossi (2011) afirma, ainda, baseado em relatos que o próprio autor encontrou em blogues que encorajam pessoas a se tornarem anoréxicas, que a anorexia é tratada como uma espécie de deus (em um blogue, denominada deusa Ana, com características controladoras, cujo seu desejo seria apenas o bem das “fiéis”). Nesses blogues, as “fiéis” narram sobre suas “recaídas” e, como uma forma de encorajamento ao comportamento anoréxico, registram que a “Ana não merece isso”. Nesse contexto virtual, “recaída” seria voltar a se alimentar, personificando a anorexia e estabelecendo uma relação subjetiva de submissão.

Numa cultura em que, para se obter conhecimentos sobre alimentação e saúde têm-se legitimado o nutricionista, esse profissional vem representando simbolicamente o sacerdote desse processo, endossando a produção cultural, que, na atualidade, é a do corpo magro e malhado (Mattos, 2007).

2.4 Nutricionistas: cientistas ou sacerdotes?

De acordo com a Lei Nº 8.234, de 17 de setembro de 1991, é uma das atividades privativas do nutricionista a “assistência dietoterápica hospitalar, ambulatorial e em consultórios de nutrição e dietética, prescrevendo, planejando, analisando, supervisionando e avaliando dietas para enfermos” (Conselho Federal de Nutrição, 2012). Dessa forma, o nutricionista é o único profissional da saúde com o aval da Justiça brasileira para prescrever dietas, ou seja, a classe que se apresenta como autoridade, em relação às funções desempenhadas pela profissão. Uma abordagem amplamente difundida nas mídias sociais é a abordagem da dieta (entenda-se prescrição dietética) permeada pela linguagem religiosa, já citada neste trabalho. Essa lógica religiosa referente à dieta é a abordagem que trabalha a dieta como se ela fosse uma espécie de acesso a uma nova vida, não no sentido de uma potencial prevenção, controle ou até erradicação de enfermidades, mas sim tratando e propondo a dieta como a “chave” que faria o paciente passar de uma vida em que se come “somente” para manutenção fisiológica e significados afetivos e sociais, para uma vida na qual a alimentação lhe traria um estado de plenificação pessoal e bem-estar inimagináveis, tonificação do corpo, possibilitando uma super saúde, conforme aponta Camargo Jr. (2007). A saúde, então, se materializa no corpo controlado, um instrumento por meio do qual se constrói identidade. Nesse contexto, quanto mais controlado o corpo for, mais moralmente significativa será a identidade do detentor desse corpo, na busca constante pela tríade beleza, juventude e saúde (Miskolci, 2006). Nessa esteira, indivíduos são responsabilizados e culpabilizados, caso não consigam importar em seus próprios corpos os valores representativos da beleza, juventude e saúde (Mattos, 2007).

Nesse processo, o paciente é exposto ao olhar proposto por nutricionistas que tratam a dieta como redentora, requerendo desse sujeito uma certa negação do prazer em relação à comida, algo como uma mortificação dos prazeres da “carne”, conceito presente em certas religiões, como também uma dose de rejeição ao modo de vida que não atribui à dieta essa qualidade purificadora, a saber: a dieta como redentora de uma vida antes entregue à liberdade alimentar (sem cálculo de gramas por refeição, sem cálculo de calorias por refeição, etc.), visto como uma vida desregrada; em contrapartida, deve-se ter o olhar voltado para a própria dieta como uma via de disciplina, como uma constante luta entre a “santidade” e o “pecado” (conceituando como pecado, o tipo de alimentação que não se enquadra nos parâmetros da dieta redentora).

O novo estilo de vida, estética corporal e suposto alto grau de bem-estar que viria (redenção) são buscados por meio de instrumentos (dieta) que teriam o poder para tal transformação. Assim, o nutricionista aparece justamente como o profissional que lança mão desse discurso, o que lhe coloca como supostamente manipulador desse poder.

Essa dinâmica se assemelha à dinâmica de ordem religiosa, entendendo sagrado, segundo Berger (1985), como exterior ao homem (não constitui o ser humano, está fora dele) e de qualidade e poder misterioso e temeroso (subjetivo). Algo que se relaciona com o humano, podendo ser assimilado às experiências, objetos, animais, seres humanos ou a objetivações culturais.

Dessa forma, o nutricionista se apresenta como o sacerdote dessa corpolatria, um culto ao corpo, no formato de uma “religião inversa”, ou seja, enquanto a religião católica, por exemplo, prega aos seres humanos uma certa renúncia ao corpo e aos prazeres advindos dele para conquistar uma vida de caráter eterno, na corpolatria essa matéria corpórea ganha um novo *status*: a recompensa da renúncia e abnegação já não é mais eterna, mas sim corpórea e terrena, portanto, uma espécie de religião do culto ao corpo (Matos; Zoboli; Mezzaroba, 2012) que oferece milagres para a cura de qualquer mazela, exigindo sacrifícios e penitências. Possui seus templos (consultórios clínicos, academias, salas de cirurgias, etc.), adeptos (os frequentadores desses “templos”) e dogmas (os mandamentos a serem seguidos) (Codo; Senne, 2004). Assim, o nutricionista tem grande influência na propagação desses “mandamentos”, representando um intérprete cientificamente autorizado, bem similar à autoridade interpretativa que um rabino judeu tem da “Lei”.

À semelhança de um exegeta e hermeneuta religioso, o nutricionista é aquele profissional que examina e produz conhecimentos científicos (exegese), ao mesmo tempo que os aplica na realidade de cada paciente (hermenêutica). Nesse processo, esse profissional vem desempenhando papel semelhante aos líderes religiosos que têm autoridade para ler e interpretar as leis divinas na vida humana. Com uma estrutura bem parecida com a da religião, a lógica operante também se dá de modo semelhante, como já foi largamente descrito (deveres, responsabilidades, recompensas e punições). Dessa forma, o nutricionista transita no meio dessa lógica, viabilizando, legitimando, encorajando e propondo o papel redentor decorrente da assimilação de uma prescrição dietética na vida de uma pessoa, o que o distancia muito de uma prática tida por científica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Lacey (2006) e Kuhn (1987), é presente na ciência valores ou lógicas culturais correndo por trás do seu exercício. Benjamin (2013) demonstrou a existência de uma lógica do campo religioso, operando em um sistema econômico (capitalismo). De modo semelhante, encontramos determinada lógica por trás do exercício da nutrição que não é própria do campo da ciência, precisamente quando se trata de emagrecimento. Bourdieu (2007) chamou tal fenômeno de *homologia dos campos*, quando

campos diferentes dentro do espaço social carregam a mesma estrutura de funcionamento. O presente estudo visou propor a questão norteadora de que há um sistema de valor que perpassa o discurso do profissional nutricionista, para se referir à dieta (sobretudo conteúdos de nutrição em redes sociais), que chamamos de lógica religiosa, na qual a dieta funcionaria como uma ação de mortificação da carne (do desejo imediato), em busca de uma ação redentora do corpo e da alma, representada pela super saúde e bem-estar.

Há aspectos, nesse discurso, que trata a negação do prazer da comida como algo admirável, um controle corporal relacionado à própria redenção e o não controlado como mundano, sem força de vontade, sem tenacidade moral, pecaminoso, o que endossa preconceitos relacionados à forma/tamanho do corpo alheio, tão presente nos dias atuais. Em outro espectro dessa fala, para se ver livre de toda essa carga, seria necessário abrir mão desse mundo descontrolado, para se provar e se comprovar como alguém que mudou de vida, que se mostrou capaz, com força de vontade, com tenacidade moral, redimido, algo bem semelhante à conversão religiosa. É um novo modo de vida que insere esse sujeito como superior, como afirma Rossi (2011), uma ideia cultural sagrada que possibilita uma espécie de promoção ontológica que se assemelha à transubstanciação. Desse modo, a prescrição dietética deixa de ser uma ação promotora de saúde, passando a ser uma ação de transformações ontológicas que se dão por meio de um relacionamento com o nutricionista e a comida, operacionalizado por uma lógica religiosa de atribuições, recompensas e castigos, identificados no próprio corpo.

Este estudo se deteve em apresentar a hipótese de que por trás de postagens de nutricionistas na internet, cujo conteúdo foi amplamente descrito por este trabalho, há uma linguagem do campo religioso que distancia a prática desses profissionais da lógica científica, abrindo margem para o desenvolvimento de pseudociências.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. 2. ed. Barueri São Paulo: Ciranda Cultural, 2017.
- ANGELL, M. **A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos**. Tradução de Waldéa Barcellos. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. 2. ed. Barueri São Paulo: Ciranda Cultural, 2017.
- BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. Org. Michael Löwy. Tradução Nélío Schneider. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Organização Luiz Roberto Benedetti; tradução José Carlos Barcellos J. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- Bíblia Sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- BRASIL. **Lei Nº 8.234, de 17 de setembro de 1991**. Regulamenta a profissão de Nutricionista. Diário Oficial da União (República Federativa do Brasil).
- CAMARGO JUNIOR, K.R. As armadilhas da “concepção positiva de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2007.
- CODO, W. SENNE, W. A. **O que é corpolatria?** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CONSELHO FEDERAL DE NUTRIÇÃO (CFN). **Lei n. 8234 de 17 de setembro de 1991**. Brasília. 2012.
- COSTA, M. F.; CARVALHO, M. C. V. S.; PRADO, S. D. ; FERREIRA, F. R. . **Dietas da moda: o feiticeiro, a magia e sua eficácia**. In: PRADO, S.D.; KRAEMER, F.B.; SEIXAS, C.M.; FREITAS, R. F.. (Org.). Alimentação e Consumo de Tecnologias: a multiplicidade nos contextos sociais. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015, v. 4, p. 327-348
- DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (Org.). **A religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 2. ed. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LACEY, M. H. O princípio de precaução e autonomia da ciência. **scientiæ studia**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 373-92, 2006.
- MADURO, Otto. **Religião e Luta de Classes**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- MATOS, Keyte Santos, ZOBOLI, Fábio e MEZZARROBA, Cristiano. **O Corpo Obeso: um corpo deficiente? Considerações a partir da mídia**. Disponível em: <http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/acesso> aberto/

publicacoes/publicacoes-2012/doc_details/21-o-corpo-obeso-um-corpo-deficiente?tmpl=component.
Acesso em: 12 set. 2020.

MATTOS, R. da S. Sou gordo, sou anormal? **Arquivos em Movimento**, v.3, n.2, jul./dez. 2007.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Estudos Feministas. Florianópolis**, v.14, n.3, set./dez., p. 272-281. 2006.

ROSSI, Paolo. **Comer: necessidade, desejo, obsessão**. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora da UNESP, 2011, pag. 35-151.

SHAPIN, Steven. You are what you eat. **Historical Research**, vol. 87, no. 237. August 2014.

VASCONCELOS, F. de A. G. de. Fome, eugenia e constituição do campo da nutrição em Pernambuco: uma análise de Gilberto Freyre, Josué de Castro e Nelson Chaves. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. VIII (2): 315-39, jul.-ago. 2001.

VASCONCELOS, F. de A. G. de. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. **Rev. Nutr.**, Campinas, 15(2):127-138, maio/ago., 2002.

WILLIAMS, S. J; MARTIN, P; GABE, J. A farmacêuticaização da sociedade? Um quadro para análise. **Sociologia da Saúde e da Doença**, março de 2011.